

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ (CCCO)  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**CARMÉM CÉLIA BRANDÃO**

**“COMO ENGANAR A FOME COM CAROÇO DE COCO BABAÇU?” EDUCAÇÃO  
E ANCESTRALIDADE PARA EMPODERA MULHERES QUEBRADEIRAS DE  
COCO BABAÇU EM CODÓ/MA**

CODÓ/MA

2024

**CARMÉM CÉLIA BRANDÃO**

**“COMO ENGANAR A FOME COM CAROÇO DE COCO BABAÇU?” EDUCAÇÃO  
E ANCESTRALIDADE PARA EMPODERAR MULHERES QUEBRADEIRAS DE  
COCO BABAÇU EM CODÓ/MA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira

CODÓ/MA

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Brandão, Carmém Célia.  
COMO ENGANAR A FOME COM CAROÇO DE COCO BABAÇU? :  
eDUCAÇÃO E ANCESTRALIDADE PARA EMPODERAR UMA MULHER  
QUEBRADEIRA DE COCO BABAÇU EM CODÓ/MA / Carmém Célia  
Brandão. - 2024.  
45 p.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.  
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,  
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2024.

1. Quebradeira de Coco. 2. Ancestralidade. 3.  
Histórias de Vida. 4. Codó/ma. 5. . I. Almeida de  
Oliveira, Kelly. II. Título.

CARMÉM CÉLIA BRANDÃO

**“COMO ENGANAR A FOME COM CAROÇO DE COCO BABAÇU?” EDUCAÇÃO  
E ANCESTRALIDADE PARA EMPODERAR UMA MULHER QUEBRADEIRA DE  
COCO BABAÇU EM CODÓ/MA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)  
Orientadora

---

Prof. Esp. Jhonatan Wendel Tavares Ferreira (UFMA)  
1° Avaliador

---

Profa. Dra. Maria do Carmo Alves da Cruz (UFMA)  
2° Avaliadora

---

Prof. Dr. Joelson de Sousa Moraes (UFMA)  
3° Avaliador

## AGRADECIMENTOS

*Ainda que eu andasse pelo  
vale da sombra da morte, não  
temeria mal algum, porque tu  
estás consigo-a tua vara e o teu  
cajado estás me consolam  
(Salmo 23:4)*

Agradeço a Deus por cuidar tão bem de mim, mesmo sem merecer.

Agradeço a minha avó materna Maria dos anjos Brandão, minha filha Iane Thaeme Brandão, meu filho Anderson Brandão da Silva e meu irmão, José Raimundo Brandão.

A minha Orientadora Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira, agradeço pela compreensão, dedicação e todo esforço em analisar a minha pesquisa, por orientar tão bem.

A Profa. Rita Filomena, por ser fonte de inspiração ao longo de minha trajetória.

Ao meu amigo Francisco, técnico de informática da UFMA, pelo companheirismo e acolhida.

As minhas colegas de turma Rosimar da Silva da Costa e Elivane de Sousa da Silva e a Karine Evely Pereira da Silva.

Ao Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais, por todos os seus ensinamentos, e por ter apresentado a mim, arte de escrita e narrativas, autobiográficas, eu não à conhecia ,confesso que estou apaixonada pela arte de narra.

Dedico este trabalho a minha avó materna (*in memorian*), com profunda gratidão. Por todos seus ensinamentos e cuidados que senhora teve comigo, pelo grande amor que demonstrou por mim. Eu amo a senhora vizinha.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

## RESUMO

Esse texto aborda uma narrativa de formação e de vida, em uma narração histórica de uma ancestralidade, traz uma problematização sobre o caroço do coco babaçu para famílias carentes, que o utilizam como fonte de renda, para o enfrentamento da fome, resgatando uma cultura rica, em saberes compartilhados entre gerações. Partimos do seguinte questionamento: Que memórias autobiográficas de uma Quebradeira de coco, inscritas em sua ancestralidade podem ser acessadas para empondera-la por meio da educação? Assim, temos como objetivo geral: Compreender memórias autobiográficas de uma Quebradeira de coco, inscritas em sua ancestralidade, para empondera-la por meio da educação. E como objetivos específicos: conhecer as memórias autobiográficas de uma Quebradeira de coco sobre o seu processo educacional; registrar as memórias e os saberes contidos na ancestralidade de Quebradeiras de coco com vista ao seu empoderamento por meio da educação. A pesquisa foi também baseada em estudos sobre etnobotânica, segurança alimentar e a teoria da resiliência comunitária, destacando autores como Oliveira (2022), Sousa (2015) Morais e Bragança (2021), que evidenciam as relações entre práticas tradicionais e educação no campo. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, com conversas informais com as Quebradeiras de coco babaçu e utiliza o método da pesquisa (auto)biográfica, em que são narradas as memórias da autora sobre os desafios enfrentados em seu processo de escolarização e de suas vivências com sua avó materna. Entre os resultados, destacamos as memórias e saberes sobre a utilização e as formas de consumo do coco babaçu. Concluimos que o coco babaçu, é uma fonte de renda para as mulheres e suas famílias, no interior do Maranhão. As histórias narradas são mais comuns do que se imagina. Então é necessário que esses saberes sobre o coco babaçu tenham mais visibilidade perante a sociedade.

**Palavras-chave:** Quebradeira de coco babaçu. Ancestralidade. Histórias de vida. Codó/MA.

## ABSTRACT

This text addresses a narrative of formation and life, in a historical narration of an ancestor, and problematizes the babassu coconut kernel for needy families, who use it as a source of income to combat hunger, rescuing a rich culture, in knowledge shared between generations. We start from the following question: What autobiographical memories of a coconut breaker, inscribed in her ancestry, can be accessed to empower her through education? Thus, our general objective is: To understand the autobiographical memories of a coconut breaker, inscribed in her ancestry, to empower her through education. And as specific objectives: to learn about the autobiographical memories of a coconut breaker about her educational process; to record the memories and knowledge contained in the ancestry of coconut breakers with a view to their empowerment through education. The research was also based on studies on ethnobotany, food security and the theory of community resilience, highlighting authors such as Oliveira (2022), Sousa (2015) Morais and Bragança (2021), who highlight the relationships between traditional practices and education in the countryside. This research is qualitative in nature, with informal conversations with the babassu coconut breakers and uses the (auto)biographical research method, in which the author's memories of the challenges faced in her schooling process and her experiences with her maternal grandmother are narrated. Among the results, we highlight the memories and knowledge about the use and forms of consumption of babassu coconut. We conclude that babassu coconut is a source of income for women and their families in the interior of Maranhão. The stories narrated are more common than one might imagine. Therefore, it is necessary for this knowledge about babassu coconut to have greater visibility before society.

**Keywords:** Babassu coconut breaker. Ancestry. Life stories. Codó/MA.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>SOU O REFLEXO DA MINHA ANCESTRALIDADE .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>VIVÊNCIAS E DESAFIOS PARA CONCLUIR O ENSINO FUNDAMENTAL II, O MÉDIO E OSUPERIOR.....</b>	<b>24</b>
<b>5</b>	<b>DONA MARIA: HISTÓRIA DE UMA VIDA.....</b>	<b>32</b>
<b>6</b>	<b>DA PALMEIRA AO FRUTO: COCO BABAÇU E OS SABERES ANCESTRAIS DAS QUEBRADEIRAS.....</b>	<b>37</b>
<b>7</b>	<b>POR UM FUTURO ANCESTRAL PARA AS QUEBRADEIRAS DE COCO.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

**Teu trono  
 é o de tantas outras  
 que se embrenham nas matas  
 à busca da amêndoa que dá sustento às vezes roubando-  
 lhes a vida**

**Teu machado  
 abre as entranhas do babaçu  
 e conhece bem as curvas  
 de tuas pernas, que tantas vezes  
 se fizeram passagem da vida**

**Teu braço**

**já sem força de antes,  
empunha o velho macete certo,  
aos golpes abre o coco ao meio e  
em mil pedaços teus sonhos**

**Tua labuta  
transformada em azeite, sabão  
gongos apetitosos  
assados ao espeto na brasa  
do mesmo coco que o alimentou**

**Tua realeza  
comparada, não menor  
que as palmeiras que a ti  
reverenciam  
Ofertam-te folhas, frutos  
haste e pó  
que aduba e fortalece outras vidas**

**(Lília Diniz,2017, p.15)**

## 1. INTRODUÇÃO

Esse texto aborda uma narrativa de formação e de vida, em uma narração histórica de uma ancestralidade de mulheres Quebradeiras de coco babaçu, trazendo consigo um conjunto de narrativas sobre resistência, resiliência e empoderamento através da educação. São mulheres que moram em comunidades, e que carregam consigo saberes ancestrais, compartilhados entre gerações.

Sabemos que a educação é uma ferramenta poderosa para o empoderamento e para proporcionar conhecimentos e habilidades. E isso vai além da quebra do coco babaçu, impulsiona também elas a exigirem seus direitos, encorajando-as a lutar contra a exploração, garantindo, assim o sustento de suas famílias e de suas práticas tradicionais.

A justificativa para abordagem da pesquisa é a necessidade que senti em narrar e registrar, por meio de um trabalho acadêmico, a história de mulher preta descendente de escravizados, Quebradeira de coco babaçu, que com muita resistência e luta carregava consigo saberes ancestrais. Trago comigo todos os saberes apreendidos com a minha avó materna, no que diz respeito à utilização do fruto do coco babaçu. São vivências, memórias afetivas e ensinamentos que carrego desde a infância, sendo eu, uma mulher preta descendente de povos escravizados e Quebradeira de coco babaçu. Aprendi a quebrar coco muito cedo, por volta dos cinco a seis anos de idade. Essa é uma realidade de todas as meninas que são filhas de Quebradeiras. É uma profissão que já está destinada a elas.

A narrativa aborda a resistência, a luta e a persistência para adentrar em uma universidade pública. Com todos os desafios, para conseguir permanecer no curso de Licenciatura em Pedagogia, esta pesquisa traz consigo uma abordagem de como eu consegui sobreviver a esses desafios na fase adulta, como mãe solo, em uma universidade em Codó/MA.

O coco babaçu, especialmente seu caroço, possui um papel crucial na vida de milhares de famílias no interior do Maranhão, particularmente entre as Quebradeiras de coco. Essas mulheres dependem da exploração sustentável do coco babaçu, não apenas como fonte de renda, mas também como um recurso alimentar essencial, principalmente em tempos de escassez.

O ato de "enganar a fome" com o caroço do coco babaçu é uma estratégia de sobrevivência compartilhada ao longo de gerações, principalmente em comunidades camponesas marcadas por desafios socioeconômicos.

A motivação para o estudo é compreender como as práticas tradicionais de subsistência, como o uso do caroço do coco, podem não apenas "matar a fome", mas também fortalecer a identidade cultural e a resistência dessas comunidades. A compreensão deste contexto pode proporcionar novas perspectivas sobre como o conhecimento ancestral pode contribuir para o enfrentamento da fome.

Assim, a questão que nos orienta é: Que memórias autobiográficas de uma Quebradeira de coco, inscritas em sua ancestralidade podem ser acessadas para emponderá-la por meio da educação? Como objetivo geral, temos: Compreender memórias autobiográficas de uma Quebradeira de coco, inscritas em sua ancestralidade, para emponderá-la por meio da educação. Os específicos são: conhecer as memórias autobiográficas de uma Quebradeira de coco sobre o seu processo educacional; registrar as memórias e os saberes contidos na ancestralidade de Quebradeiras de coco com vista ao seu empoderamento por meio da educação.

Adentrando ao campo teórico da pesquisa, nos baseamos em estudos sobre etnobotânica, segurança alimentar e a teoria da resiliência comunitária, destacando autores como Oliveira (2022), Sousa (2015), Morais e Bragança (2021), que evidenciam as relações entre práticas tradicionais e educação no campo.

A metodologia adotada na pesquisa é de cunho qualitativo, com conversas informais com Quebradeiras de coco, para compreender como essas práticas são incorporadas no cotidiano das comunidades rurais, e como podem ser adaptadas para enfrentar os desafios contemporâneos da fome. A pesquisa também está situada entre os estudos (auto) biográficos.

Para autores Alheit; Dausien (2006), a pesquisa (auto)biográfica em Educação interroga essa capacidade antropológica de biografização, mediante a qual a pessoa que narra organiza sua experiência em termos de uma razão narrativa. A biografização é, portanto, esse processo permanente de aprendizagem e de constituição sócio-histórica da pessoa que narra. A pesquisa (auto)biográfica privilegia, pois, esses processos de biografização com o objetivo de compreender como os indivíduos se tornam quem eles são. Nesse sentido, ganha força a afirmação de Bruner (2014, p. 75). ao propor que "A criação do eu é uma arte narrativa".

Um ato performativo, pelo qual dizer é fazer, biografar-se é tornar-se um outro para construir-se como um si mesmo. Não se trata, portanto, de uma atitude esporádica e meramente circunstancial, mas de uma dimensão constitutiva dos processos de individuação e de socialização, estreitamente relacionados às condições sociais nas quais os indivíduos se biografam e produzem, narrativamente, formas de existência para eles próprios e para o outro.

Nesse sentido, convém lembrar que o “giro narrativo” se insere num momento de grandes mutações sociais em que as instituições tradicionais – família, igreja, escola, trabalho, perdendo a sua centralidade, remetem aos indivíduos a responsabilidade de encontrar por si mesmos meios de se instituir como sujeitos de direitos na sociedade). O autor apresenta uma dimensão constitutiva do convívio ao lembrar e uma continuação cultural da produção de narrativas.

Nesse ínterim, é oportuno registrar que Josso (2010) nos apresenta uma reflexão sobre o poder das narrativas (auto)biográficas, de que elas nos levam a lugares, que um dia já estivemos, só com a força do pensamento, junto com desejos de uma volta no tempo, para encontrar a pessoa que amamos, lugares e reviver experiências que guardamos nas memórias (Xavier, 2019).

Assim, organizamos o texto em sete seções: a primeira corresponde a esta introdução; a segunda se refere à trajetória de vida da autora, que narra memórias da infância e juventude; as narrativas sobre a trajetória escolar na Educação Básica e Ensino Superior são objeto da terceira e quarta sessão. A quinta, apresenta as memórias da avó materna e a sexta, os saberes das Quebradeiras de coco sobre a palmeira de coco babaçu. A seção que fecha o texto traz algumas contribuições sobre o futuro ancestral das Quebradeiras de coco.

**Na barriga  
da minha Mãe  
eu andava pelos  
Babaçuais do Maranhão**

**Não conhecia ainda  
A função do machado  
O coco aberto e ferido  
O azeite  
Depois conheci  
A fome e a lâmina.**

**(Luiza Cantanhede, Treinamento)**

## 2. SOU O REFLEXO DA MINHA ANCESTRALIDADE

Sou Carmem Célia Brandão, sou Quebradeira de coco, filha e neta de Quebradeira de coco. Desde muito cedo aprendi a quebrar coco. Era uma forma de sobrevivência. Era a única profissão que as mulheres e meninas tinham para aprender na época. As meninas, com uma certa idade, tinham como obrigações aprender a quebrar coco, até mesmo para arrumar um bom parceiro. As famílias visavam às meninas que sabiam trabalhar em tudo, no que se diz respeito ao serviço braçal. Essas meninas eram consideradas um bom partido. Então, elas casavam cedo e constituíam família, pois já estavam prontas para ajudar no sustento das suas próprias famílias. Entre outras situações, elas eram responsáveis pelo sustento dos próprios filhos, muitas vezes, sozinhas.

Eu fui criada pela minha avó materna. Quando tinha nove meses, fui morar com ela, junto com meu irmão mais velho que tinha quatro anos, porque os meus pais se separaram. Cada um foi para lugares diferentes. Minha mãe biológica tinha nos “doados” para duas famílias diferentes. No dia que foi combinado para essas pessoas virem nos buscar (eu e o meu irmão), a minha avó materna ficou sabendo o que estava acontecendo. Ela veio no mesmo dia em um carro, chamado de “pau-de-arara”,<sup>1</sup> da zona rural para Codó. Ela chegou a tempo de não permitir que as famílias levassem nos dois. Na época, minha avó materna morava na zona rural de Codó e minha mãe na zona urbana.

Todas essas histórias foram relatadas por minha avó. Ela contava todas as vezes que ficávamos perguntando sobre os motivos que nos levaram a morar com ela, sobre o porquê de não morarmos com nossos pais e os motivos pelos quais eles não estavam cuidando de nós. Portanto, fui criada por minha avó. Ela tinha um companheiro na época. Ele era uma pessoa muito boa e generosa.

A imagem que eu tenho dele é muito boa. Eu fui muito amada por ele como também pela minha avó, tanto eu como meu irmão. A primeira e única referência que eu tenho de pai é a dele. O companheiro da minha avó decidiu me amar e cuidar de

---

<sup>1</sup> O **Pau-de-Arara** é um meio de transporte irregular amplamente utilizado por comunidades do Nordeste brasileiro. Essa prática consiste na adaptação de caminhões para o transporte de passageiros, especialmente por aqueles que residem em áreas rurais. No estado do Maranhão, trabalhadores rurais, em particular as quebradeiras de coco babaçu, utilizam esse tipo de transporte para realizar suas compras mensais nas cidades.

mim. Lembro que o chamava de pai. Todas as vezes que ele precisava sair, era escondido de mim, só para não me ver chorar. Quando o via saindo, ele desistia de ir, só para não me ver chorar. Tenho em minha memória, ele sentado em um banco. Eu entre as pernas dele. Estava muito feliz. Guardo essa imagem na minha memória. Ele faleceu quando tinha cinco a seis anos. Perdi alguém que Deus tinha colocado na minha vida.

Daquele momento em diante, éramos eu, meu irmão e a minha avó começando uma nova etapa nas nossas vidas. Etapas essas muito sofridas, pois passamos muita fome. Tivemos que aprender até enganar a fome e começar a trabalhar para ajudar minha avó. Ela era sozinha, não dava conta de tudo sozinha, já uma senhora idosa, que havia trabalhado muito na vida. Era muito pesado para ela, por isso, tive que aprender a quebrar coco muito cedo, por volta dos 6 a 7 anos.

Nesse período, eu já era responsável por quebrar os cocos para comprar o arroz e o feijão. Enquanto isso, a minha avó e meu irmão trabalhavam na roça juntando “coivara”<sup>2</sup> capinando e plantando arroz, feijão, mandioca, macaxeira, etc. Quando tinha comida em casa, eu também fazia os trabalhos na roça. Tive que aprender a fazer de tudo um pouco na vida para poder sobreviver.

## **MEU GRITO**

**Ninguém escuta meu grito,  
desconhecem meu sufoco**

---

<sup>2</sup> O método da **Coivara** também é amplamente utilizado em comunidades rurais. Neste processo, homens e mulheres ateam fogo em áreas de mata previamente queimadas, onde ainda permanecem galhos não consumidos pelas chamas. Os trabalhadores reúnem esses galhos em montes e os queimam para limpar a terra destinada ao cultivo de diversas plantações, como arroz, feijão, macaxeira, mandioca, fava e batata-doce. Assim como as outras práticas, o conhecimento sobre a coivara é passado de geração em geração, perpetuando saberes ancestrais.

**Escondida lá na mata,  
com fome quebrando coco**

**Dentro do babaçual,  
Vou perdendo minha infância.  
O machado é meu brinquedo,  
Cortando minha esperança.  
Derrubando os meus sonos,  
De um dia diferente.**

**Que não seja pular cerca,  
Prestar conta a patrão,  
A um jagunço capataz,  
Que ainda achando pouco  
Se diz o dono do coco,  
Toma a minha produção.**

**Tenho direito a escola,  
Saúde e alimentação.  
A brincar e ser feliz,  
Tudo isso é a lei que diz.  
Mas continuo esquecida,  
Sem nenhuma proteção,  
Nesse trabalho pesado,  
Sem um pedaço de chão.**

**(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 31)**

### 3. TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O início da minha história e vivência acadêmica começou quando comecei a ir para a escola. Naquela época, as crianças só começavam ir para a escola com sete anos de idade. Comecei com cinco a seis anos só para socializar com as outras crianças porque eu não era matriculada.

Não tinha idade adequada para frequentar o ambiente escolar, só que eu chorava muito para ir para a escola, porque o meu irmão estava estudando. A minha avó tomou uma decisão de ir até a escola, conversou com a professora Edna e contou a situação. Ela foi solidária, aceitou a minha presença na sala de aula. A professora pediu que a minha avó comprasse um caderno, lápis, borracha, tabuada, ABC. Esses materiais foram os primeiros que tive.

[...] a vivência de um processo criativo transforma o ser humano e o fortalece como sujeito capaz de alcançar novas metas e de superar as adversidades, de enfrentar os novos desafios e de levar, com sucesso, sua vida adiante, transformando-o em autor e ator de sua própria história, em sujeito participante e criador do mundo a sua volta, a partir de uma consciência renovada, integrada e mais fortalecida, que colabora para a construção de sua identidade pessoal/social e de novos modos de sentir, pensar e agir, de viver e conviver no mundo (Morais, 2015, p. 183).

A vivência é responsável pela transformação da vida de uma pessoa, proporcionando experiências, saberes e valores inegociáveis junto às memórias adquiridas no ambiente vivenciado, de forma que as pessoas conseguem fazer seu próprio relacionamento da sua identidade social e cultural (Moraes, 2015).

Minha avó combinou com ela que eu iria na próxima segunda-feira, porque na aquela semana ela ainda tinha de quebrar coco para poder comprar os materiais. A minha avó quebrou o coco aquela semana toda para poder comprar os materiais.

Ela pediu para o motorista do “pau-de-arara”, comprar os materiais. Então, como o carro só passava na parte da tarde na referida segunda-feira, não consegui ir para a escola. O homem comprou todos os materiais que a minha avó tinha mandado ele trazer. Fiquei muito feliz quando os materiais chegaram, quase nem consegui dormir direito querendo que o dia chegasse logo para eu ir para a escola.

Chegou o grande dia, foi muito bom, foi ali que aprendi a amar arte de passar conhecimento e já cheguei em casa querendo ser uma professora de português. Vi uma esperança de mudar a minha história de vida e da minha avó. Naquele dia, eu só

não sabia expressar com palavras que a educação era transformação de uma história, porque eu ainda era uma criança muito pequena, mas fiquei tão encantada vendo a professora Edna lecionar a aula. Quis ser uma professora igual a ela. Assim, passei, mais ou menos um ano e meio, só como ouvinte.

Ainda não estava matriculada, mas depois da matrícula efetuada, continuei estudando no turno matutino. Passei mais de dois anos na mesma sala, e com a mesma professora. Nesse período, as salas de aula eram multisseriada, uma professora lecionava em cinco séries em única sala. Depois, passei para o horário da tarde com a professora Benedita. Com ela, fiz a terceira e a quarta séries (atual quarto e quinto anos), sendo mais difícil minha permanência no ambiente escolar. Essa professora trabalhava de forma tradicional. Ela queria os estudantes ficassem quietinhos/as. Não podia olhar para os lados. Não podia fazer perguntas. Na verdade, a única coisa que poderíamos fazer era respirar. Adquiri vários traumas desses momentos desagradáveis e, que até hoje estou tentando superar.

Passei a minha infância toda com traumas com a disciplina de matemática. Confesso que, ainda hoje, luto contra. Ela colocava os estudantes para estudar matemática, na base da palmatória. Ela colocava os estudantes para bater um no outro. O mesmo método era utilizado nas outras disciplinas.

Com tempo pude perceber que é possível que as pessoas sabem mais matemática do que as tradicionais avaliações apresentam (Knijnik, 1996), e entender que há possibilidade de as pessoas construírem a compreensão dos próprios significados matemáticos.

Segundo Bandeira (2016, p. 66) nos informa, eles irão “compreender seus próprios modos de produzir significados matemáticos” e isso vai possibilitar a construção do próprio conhecimento. Por isso, penso que uma das formas de se ensinar matemática na escola, seja aquela inspirada na Etnomatemática, pois:

A Etnomatemática como guia para o ensino e aprendizagem da matemática na Educação Infantil é importante porque vai despertar a criança para aquilo que ela já conhece. Toca na curiosidade infantil, abordando sobre o lugar em que a criança vive, suas vivências e de seus familiares, possibilitando desenvolver a criatividade, a imaginação, o raciocínio e a construção de significados (Silva, 2023, p.14).

Por isso, compreendo também, que na narrativa de memórias sensíveis há um jogo artístico e estético que envolve o narrador em níveis de profundidade do encontro

consigo próprio, e do modo como reflete e racionaliza os processos de criação da sua narração. Eles tem de considerar os saberes e conhecimentos que possui da cultura, da linguagem, do meio social e dos múltiplos ambientes em que transitou e já experienciou em diferentes espaços e tempos da sua existência e que são evocadas, muitas vezes, por meio da sua memória, quando passa a narrar, registrando no plano da escrita narrativa (auto)biográfica (Josso, 2010; Morais, Bragança, 2021, p.14).

A escola onde estudava era coberta de palha de coco babaçu, com paredes preenchidas com barro. Os bancos eram feitos de tábua, confeccionados pela própria comunidade. Como não tinha merenda, as/os estudantes comiam manga, jenipapo, tuturubá, goiaba, cajá, no período de safra de cada fruta. Quando não tinha nenhuma dessas frutas, ficávamos com fome. Muitas vezes não tinha café em casa. Eu mesma saí sem comer nada em casa. Quando chegava na escola, não tinha merenda e quando voltava para casa não tinha nada para comer. Mesmo assim, nunca faltava na escola. Hoje eu faço uma reflexão sobre tudo que eu vivi na minha infância. O que tive como aprendizagem, aquilo que eu nunca devo repetir com os meus estudantes e nem com ser humano nenhum.

Depois de algum tempo, vim morar em Codó na casa de uma tia. Ela morava com os três filhos e a mãe dela. Não foi uma experiência muito boa, porque eu morava na casa de uma pessoa meio estranha para mim. Eu conhecia todos, mas nunca tinha convivido com nenhum deles.

Então, não foi muito legal, fora a saudade que eu sentia da minha avó, porque era a primeira vez que eu estava ficando longe dela. Os filhos da minha tia aproveitavam para colocar tudo para que eu fizesse, deixava todo o serviço da casa para que eu desse conta, como se fosse a empregada deles. A minha tia trabalhava, ela saía bem cedo, e só ficava em casa eu e os filhos dela com toda essa situação. A minha avó veio morar em Codó em uma casa de um outro parente. Esse parente foi morar em São Luís do Maranhão e deu a casa para minha avó morar. Ela nem pensou, largou tudo veio morar comigo, para eu poder sair de uma situação de escravidão, para me proporcionar uma vida saudável e para que eu pudesse continuar a estudar.

Nesse período, eu já estava entrando na fase da adolescência, já estava matriculada na escola Edson Lobão, mas tive que sair de lá, porque ela estava sendo uma escola muito vandalizada, não consegui me adaptação. Eu não estava acostumada com tudo aquilo que eu estava vivenciando. Fiquei um pouco assustada. Então minha avó fez minha transferência para outra escola na zona urbana.

Então, fui matrícula em uma outra escola, chamada Ananias Murad. Lá conhecia a professora Rita, professora de matemática. Ela fez toda a diferença na minha na minha vida, era uma pessoa extraordinária, que Deus colocou na minha vida. Naquele momento, eu estava vindo de uma escola que não tinha estrutura educacional nenhuma na zona rural de Codó, cheia de traumas, medo e incertezas, mas cheia de desejos de mudar minha história, vida e realidade.

A professora Rita teve uma atitude fundamental para elevar a minha autoestima como estudante e como pessoa, fazendo com que eu enxergasse essa oportunidade. Ela abriu as portas da sua casa para que eu não desistisse do meu sonho. Ela dava aula de reforço nas disciplinas de matemática, na casa dela, para mim, sem cobrar nada em troca. A única coisa que ela queria que eu continuasse era sonhar. Até hoje ela continua na minha vida, foi gestora da escola onde meus filhos estudaram. Fiz estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola Ana Priscila dos Reis em que ela é a gestora. Esse foi um dos momentos mais felizes para nós. Pense numa felicidade, quando fui pedir para estagiar lá! Ela falou para todos os colaboradores “que eu tinha sido aluna dela e em breve seria colega de profissão e de toda trajetória acadêmica”.

## **EU SOU QUEBRADEIRA**

**Eu sou quebradeira,**

**Eu sou quebradeira.**

**Vim para lutar!**

**Pelos meus direitos,**

**Pelos meus direitos**

**Eu vim reivindicar!**

**Mais Educação e saúde**

**Pra toda nação.**

**Eu sou quebradeira,  
Sou mulher guerreira,  
Venho do sertão!  
No Tocantins, tem quebradeira  
No Piauí tem quebradeira  
La no Pará tem quebradeira  
No Maranhão estão as quebradeiras**

**(Letra: Antônio Nascimento Silva)**

#### **4. VIVÊNCIAS E DESAFIOS PARA CONCLUIR O ENSINO FUNDAMENTAL II, O MÉDIO E OSUPERIOR**

Tive o primeiro filho aos 13 anos. Até esse momento, eu ainda estava na escola. Depois, passei um período afastada do ambiente escolar, por alguns anos. Tenho memórias de quando fiz 15 anos. Já era mãe, e com o meu filho nascido, eu voltei para a escola. A Minha avó olhava o meu filho para que eu pudesse trabalhar e estudar. Essas eram as regras que ela tinha colocado em casa, assim eu consegui permanecer no ambiente escolar, mas foi por pouco tempo. No ano seguinte, fiquei reprovada em matemática. Fiquei muito triste porque até então nunca tinha acontecido algo assim. Tomei a decisão de não estudar mais.

Depois de uns cinco anos, engravidei de novo. Foi uma gravidez muito complicada, mas no final deu tudo certo. Depois, quando a minha filha tinha uns cinco anos, tomei a decisão de voltar a estudar de novamente, em retomar de onde tinha parado.

Estudar era um desejo de criança. Quando minha avó vinha fazer alguma coisa na cidade e me trazia com ela, ficava olhando as crianças saindo da escola com uma farda azul Royal. Eu achava linda o uniforme da Escola Remy Archer. Fiz a minha matrícula nessa escola e recomecei a estudar em 2011/2012, em uma escola pública. Eu estudava à noite na modalidade de Educação de jovens, adultos e idosos (EJAI). Em dois anos nessa escola, fiz a 6<sup>o</sup> e 7<sup>o</sup>, 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> séries.

Levava a minha filha todos os dias, para a sala de aula porque o rapaz que eu era casada não ficava com ela, para eu poder ir para a escola. Todos os dias, eu tinha que levar ela para escola, levando mingau na mamadeira para ela tomar na sala. Comprava caderno de desenho para ela desenhar na sala. Comprei lápis, de cera, lápis de cor, para ela escrever. Foi muito difícil, mas eu decidi continuar a estudar. Os professores viram que eu queria estudar e que tinha uma força de vontade para estar todos os dias na sala de aula, fazendo as atividades. Logo o professor, começou a ajudar com a minha filha, preparando atividade para ela fazer na sala de aula, no mesmo momento em que estava fazendo as atividades na turma.

Assim, eu conseguia prestar atenção na aula. Minha filha não era peralta, ela era bem tranquila. Conversava com ela antes de sair de casa, explicava o que podia fazer e o que não podia fazer. Assim eu conseguia seguir em frente. No último ano nessa escola, uma professora perguntou se eu não queria estudar no IFMA à noite.

Ela explicou todo o processo até então eu nunca tinha visto falar que tinha EJAI, no Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Fiquei muito feliz, consegui enxergar mais uma oportunidade. Fiz a inscrição no processo seletivo. Consegui vaga para o curso técnico de Suporte e Manutenção em Informática.

Quando comecei a estudar no IFMA, nos anos 2013 a 2015, continuei levando a minha filha para aula, porque eu não tinha quem cuidasse dela para mim durante o período que eu estava em aula. Continuei firme, levando-a. Só que em algum momento outras mães, que estudavam lá, começaram a levar os filhos também, virou uma bagunça! Era “menino” correndo para todos os lados dentro do IFMA. Todos os funcionários do IFMA já conheciam minha filha. Era muito tranquila, sempre comportada, estava sempre do meu lado sentado, e não bagunçava. Fizeram uma reunião chamando a atenção das mães que estavam levando os filhos. Os colaboradores falaram que as crianças estavam atrapalhando as aulas dos professores.

Aquele ambiente não era lugar para crianças daquela idade. Então foi proibido às mães levar seus filhos para o ambiente escolar. Passei umas duas semanas sem ir para a escola, porque não tinha com quem deixar a minha filha. Os professores começaram a perguntar por mim, porque eu estava faltando nas aulas, o que estava acontecendo. Uma amiga conversou com os professores e repassou a minha situação naquele momento. Um professor pediu, para essa amiga, falar para mim que eu podia voltar a frequentar as aulas, com a minha filha e que ele se responsabilizava por qualquer coisa que viesse a acontecer com a minha filha naquele ambiente.

Ele disse que falaria com o diretor do IFMA, e se fosse possível, ele falaria até que ele era o pai da criança. Eu voltei e concluí o Ensino Médio na modalidade EJAI. Fiz o curso de informática no mesmo período que estava cursando o Ensino Médio no EJAI. Por ser um curso técnico, precisei fazer estágio na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). No dia que fui solicitar autorização para realizar o estágio na UFMA, o técnico de informática me acolheu, junto com minha filha porque não tinha com quem deixá-la. Minha avó olhava o meu outro filho, e não quis sobrecarregá-la com mais uma criança. O técnico, então aceitou que fizesse o estágio no laboratório de informática na UFMA.

À tarde, ele me ajudou bastante com ela, arrumou o monitor para ficar com ela. Ensinou ela a usar o computador, comprava lanche para ela. Levava ela para passear na lanchonete para ela não ficar estressada. O “técnico foi outro anjo” que Deus

colocou na minha vida. Até chegou a relatar que nunca tinha estagiado uma mulher com ele, porque não aceitava mulheres. Eu era a primeira e a última que estagiaria lá. Ele só abriu a exceção para mim porque ele sentiu que eu precisava de ajuda. Até hoje, somos amigos. Minha filha gosta muito dele que, em outra fase da minha vida, incentivou que entrasse no Ensino Superior.

O outro estagiário perguntou se eu tinha feito o Enem, respondi que sim. O ano era 2016, eles perguntaram porque eu não “jogava” as minhas notas para UFMA? Eu falei que não sabia fazer. Eles, então, me ajudaram em tudo. Consegui ser aprovada no Curso de Pedagogia. Comecei a levar a minha filha junto, mas não deu muito certo. Uma amiga pediu para olhar ela para mim, só que ela já olhava outras crianças. O rapaz que é o pai resolveu ficar com ela para eu estudar e eu fiquei tão feliz, só que consegui permanecer somente até o 3º período.

Começou a acontecer várias coisas como força contrária para fazer com que eu desistisse de tudo. Eu abandonei a Universidade. Eram muitas brigas, agressões físicas, verbais, por parte do meu ex-marido. Ele não aceitava que eu estudasse. Então, decidi me separar, já não aguentava sofrer tanta violência dentro de casa e os meus filhos olhando. Tomei atitude, resolvi registrar um Boletim de Ocorrência (BO) contra essa pessoa. Parecia que as coisas pioravam. Eu já andava muito assustada. Foram registrados vários Boletins de ocorrência contra ele, inclusive com medidas protetivas. Ainda assim, o meu ex-marido fazia várias ameaças. Assim, fui obrigada a desistir do meu sonho de estar na Universidade e cursar um curso superior.

Eu tinha muito medo, que ele fizesse alguma coisa comigo, que tirasse a minha vida e deixasse os meus filhos órfãos de mãe. Eu sabia como era ser criada sem pai e sem mãe. A partir daquele momento, as ameaças se intensificaram. Comecei a sofrer muita violência psicológica em todos os lugares que essa pessoa me olhava, com xingamentos, tentativa de agressões físicas. Eu tinha muito medo dele, parecia que eu nunca tinha visto ele na minha vida, era uma pessoa estranha, violenta que queria acabar com minha vida (Fui casada com essa pessoa por dezessete anos e meio. Quando casei tinha 13 anos.

Desisti naquele momento para retomar em um outro momento. Com a ajuda da minha avó e dos meus dois filhos, eu consegui seguir em frente. No ano de 2019, consegui me inscrever novamente para o fazer a prova do Enem, alcançando uma boa nota, e novamente concorri às vagas destinadas à Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Consegui ser aprovada no Curso de Pedagogia, da turma de

2020.2, mesmo com alguns problemas na universidade por conta que eu não tranquei a matrícula passada. Quase não consigo ingressar no curso de Pedagogia por conta disso, mas a Assistência Estudantil ajudou a solucionar o problema, junto com a central de São Luís. Com exceção da Pandemia da Covid-19, tudo estava indo bem.

Situar essas questões, me remete a dois pontos a considerar: primeiro que estou pensando a formação tanto inicial quanto continuada de professores/as que acontecem nos cursos de licenciaturas; segundo que situo essa reflexão a propósito do desenvolvimento profissional docente, dando centralidade para a escola, bem como a consideração de vários níveis, etapas e modalidades de ensino pelos quais atuam ou poderão atuar docentes que realizam um curso superior no âmbito da licenciatura (Morais, 2023, p.9).

Segundo Moraes (2023), é importante uma formação acadêmica, mediante a licenciatura, para se obter uma qualidade na carreira da docência, não só considerando o ambiente escolar, mas também trabalhando uma valoração profissional, ao mesmo tempo em que o cuidado com a autoestima do docente é essencial. Na fase de formação, o discente passa por muitos desafios para permanecer no ambiente acadêmico, em busca de formação profissional.

Estava tudo indo bem até o dia em que minha irmã ligou, falando que minha avó tinha caído. Eles a trouxeram para o Hospital Geral de Codó (ela estava passando uns dias com a minha mãe na zona rural, filha dela). Quando soube, fui imediatamente no hospital. Vi minha vó sentindo muitas dores. Os médicos tentaram estabilizá-la para levar para Centro de Terapia Intensiva (CTI). Nunca vou esquecer desse momento, ela teve várias paradas cardiorrespiratórias na minha frente sem que eu pudesse fazer nada para ajudá-la.

Colocaram ela no CTI, onde ela passou um mês. Passaram-se mais vinte dias no quarto esperando a recuperação. Ela teve alta e a levamos para casa. Ela viveu por mais três meses desde aquele dia e faleceu no dia 14 de dezembro de 2021. Nesse período, eu abandonei a Universidade para cuidar dela. Fiquei sem saber o que fazer, desesperada por sentir que estava perdendo toda minha rede de apoio física, emocional. Além disso, estava perdendo a pessoa que fez de tudo por mim, que cuidou, me amou protegeu sem querer nada em troca. Nesse momento, eu recebi muito apoio dos meus colegas de turma e professores. Foi muito difícil para mim, saber que não teria mais ela na minha vida.

Desde esse momento da minha vida, tive várias crises de depressão bem graves, ao ponto de tentar contra minha própria vida. Hoje eu estou bem, estou

cuidando dessa doença. Aprendi a reconhecer o meu limite, nem tudo que eu quero, consigo fazer, mas reconheço quando preciso continuar. Agora voltei a escrever o meu TCC, voltei ontem, no dia 7 de julho de 2024. Não sei quando vou terminar, mas eu vou me esforçar para defender até outubro de 2024. Confesso que quando estou escrevendo, sinto como estivesse voltando à infância. Fui muito feliz e muito amada também pela minha avó, cheguei a desejar voltar a ser criança de novo só para ter minha avó de novo comigo e poder ouvir a sua voz.

Quando revisito essas memórias sobre minha avó, é impossível não recordar dos momentos em que sofri racismo ao longo da minha vida. Acredito que por vivermos em um país mestiço, devemos conhecer nossas culturas (culinária, músicas, danças), para desconstruir o preconceito. É essencial estudar as histórias, culturas e, principalmente, as religiões de diferentes povos. Esse processo corrige desigualdades educacionais, valoriza nossa história e nos ensina a olhar para as diferenças com o devido reconhecimento. A educação vai além de um meio simples de ascensão social; ela é uma base para a construção de uma sociedade.

O racismo está enraizado dentro do ambiente escolar desde muito cedo, as crianças são apresentadas para o racismo ou porque os pais são racistas, ou a criança faz parte da família que sofre algum tipo de racismo. As crianças não nascem racistas, elas aprendem no decorrer da vivência com familiares, e acabam se tornando uma pessoa preconceituosa. O tempo vai passando e essa criança vai se transformando em uma pessoa adulta, e preconceituosa, da mesma forma que os bons costumes vêm de berço, os maus costumes transformam indivíduos que passam ter hábitos ruins, achando que podem fazer o que bem entendem com as outras pessoas, sem aprender a conviver com a diferença do outro.

Na minha infância eu sofri bastante com racismo dentro do ambiente escolar na modalidade Educação do Campo. Morava em uma comunidade chamada Boa Vista dos Brandão. Nos primeiros dias de aula, estava tudo ótimo até que eu passei de ano, e comecei a cursar o primeiro ano do Ensino Fundamental. A outra professora era racista comigo. Ela se comportava de uma forma com os outros colegas, e comigo de outra forma. Ela demonstrava uma atenção diferente com os outros estudantes. Eu não podia fazer nenhum tipo de pergunta, sobre a temática que ela estava trabalhando, ou me expressar se eu não estivesse entendendo. Se perguntasse algo ou dissesse que não tinha entendido, a professora respondia que era para prestar

atenção na aula, que eu conseguiria entender. Contudo, com os outros colegas, ela tirava as dúvidas.

Acabei achando que o problema era eu. Então, um dia voltando da escola, eu pensei: vou mudar! Não vou mais perguntar nada na aula, talvez assim ela consiga gostar de mim. Comecei a não falar mais nas aulas, então comecei a sentir que eu era invisível naquele ambiente. Essa professora não gostava de ser questionada. todos os estudantes tinham muito medo dela, porque ela nos batia com a palmatória. Era regra: todos sentavam em carteiras enfileiradas, e não podiam olhar para o lado, não podia fazer pergunta, somente ela podia falar naquele ambiente, porque ela era autoridade da sala.

Hoje, na fase adulta, eu percebo que não tinha nenhum problema comigo. Eu era só uma criança que estava fazendo novas descobertas de um ambiente que não fazia parte da minha história ancestral. Essa professora racista causou vários danos na minha vida, comecei a ter insegurança e medo de falar em público. Na verdade, eu fui me acostumando a ser invisível por muito tempo da Educação Básica até o ensino superior.

A diferença do racismo na Educação Básica e no Ensino Superior é clara. Na Educação Básica, as crianças são ensinadas a serem racistas por meio das vivências familiares e sociais. Já no Ensino Superior, o cenário é outro: ali, convivemos com adultos que, muitas vezes, já carregam consigo uma atitude preconceituosa. No entanto, o racismo nesse ambiente acadêmico é mais sutil, mascarado por discursos disfarçados de cordialidade. São aquelas frases que começam com “não sou racista, tenho um amigo preto” ou “a pessoa que trabalha para mim é negra”, como se isso justificasse atitudes.

Em 2020, quando ingressei na Universidade Federal, tudo isso começou a mudar quando passei a ter aulas com a professora Dra. Kelly Almeida de Oliveira. Ela foi uma peça fundamental no meu processo de enfrentamento ao racismo. Com seus métodos antirracistas, que não se restringiam apenas à sala de aula, mas também permeavam os corredores acadêmicos, ela me ajudou a compreender melhor minhas origens e a valorizar a história que carrego comigo. A cada aula, me fortaleço, aprendendo que ninguém poderia determinar onde eu deveria estar ou o que eu deveria fazer. Se alguém se incomoda com minha presença, o problema é dele. Não sou eu quem deve sair. Continuarei onde me for conveniente, até que eu decida o contrário.

**As casinhas de palha e taipa  
me comovem  
como o pantanal  
a Manoel de Barros**

**Dentro delas  
me sinto que nem  
gongo de coco babaçu  
ignorando a fome do machado**

**Me penso feto  
abraçado pelas palmeiras  
aquecido pelas mãos da terra  
que nem ovo de lambú  
chorando para nascer  
[...]**

**(Lília Diniz, 2017, p. 78)**

## 5. DONA MARIA: HISTÓRIA DE UMA VIDA

Dona Maria foi uma mulher preta Quebradeira de coco babaçu, nascida em 23 de janeiro de 194 na comunidade Boa Vista município de Codó, Maranhão. Passou quase toda a sua vida nessa comunidade e faleceu no dia 14 de dezembro de 2021. Era rezadeira, benzedeira, parteira, dançava Tambor de Crioula, fazia remédios caseiros e todo tipo de trançado com palha do coco babaçu. Sabia fazer todos os tipos de serviço da roça. Para ela, não tinha distinção de serviço, para mulher ou para homem. Dona Maria teve um casal de filhos. Criou nove irmãos, uma mulher e oito homens, criou mais dois netos. Ela era muito conhecida em toda a região, inclusive na cidade de Codó pelos saberes que ela carregava consigo.

Dona Maria, sábia da tradição oral, traz arraigado em todas suas histórias de vida, os saberes dos seus ancestrais que herdou dos avós e dos seus pais. Dona Maria usava todos os seus saberes para ajudar as pessoas que moravam na comunidade e nas outras comunidades próximas que a procuravam, para receberem uma reza ou para resolver algum problema de saúde, ou ainda, para fazer algum tipo de remédio caseiro. Dona Maria não cobrava por seus serviços. Ela relatava que se ela recebesse algum pagamento ou agrado, a reza ou os remédios não curariam a doença da pessoa. Ela vivia para servir as pessoas que a procuravam e para a comunidade.

A história da Dona Maria chama bastante atenção, por ser uma história de superação muito forte, no que cabe aos envolvidos. Sozinha, desde muito cedo, com o falecimento do companheiro, Dona Maria se reinventou, para seguir em frente e criar os netos que havia adotado da filha. Então, ela usou de toda a sabedoria herdada dos seus ancestrais a seu favor, para sobreviver quebrando o coco, trabalhando na roça, fazendo “abafado de feijão”<sup>3</sup>. Ela sabia aproveitar o tempo de estiagem para produzir bastante, para não faltar comida no período inverno. Plantava nos períodos chuvosos

---

<sup>3</sup> **Abafado de Feijão**, é uma técnica de plantio que remonta a métodos tradicionais empregados por gerações anteriores. Durante períodos de estiagem, homens e mulheres buscam locais mais úmidos, frequentemente nas margens de igarapés, para semear suas sementes. Esse método não envolve a plantação convencional; as sementes são simplesmente jogadas no solo. Posteriormente, os agricultores utilizam roçadeiras para cortar a vegetação que cobre as sementes, enquanto as árvores maiores são podadas, criando uma proteção que facilita a germinação e evita que as sementes sejam queimadas pelo sol. Essa sabedoria agrícola é transmitida de geração em geração, refletindo um conhecimento ancestral profundo.

para, no começo do verão, começar a colher e armazenar. Quando chegasse as primeiras chuvas, ela tinha bastante comida armazenada. Ela também fazia muito carvão, azeite de coco, farinha. Com o passar do tempo, foi deixando de fazer algumas dessas atividades, por questões de saúde, idade e desgaste físico.

Ela tinha começado a trabalhar desde a infância no serviço braçal. Isso acontecia para que pudesse ajudar seus pais criar seus irmãos. Contudo, na fase adulta, assumiu a total responsabilidade por seus irmãos porque a sua mãe faleceu no parto do seu irmão mais novo. O pai foi morar com outra mulher e deixou os filhos com Dona Maria. Jovem, virou pai e mãe dos seus irmãos.

Alguns anos depois, ao adotar os netos, Dona Maria começou a passar por muitas dificuldades para comprar o básico, como arroz e feijão. Uma idosa com uma vida sofrida, que não deixou se abater pela situação, continuou quebrando o coco, trabalhando na roça.

Veio uma fase em que eles passavam muita fome, momento esses que se tornaram rotineiros, passavam o dia todo sem comer e sem tomar café. Para poderem jantar, Dona Maria quebrava coco babaçu. Levava as amêndoas na quitanda para vender e comprar o arroz. Muitas vezes, faltava arroz e ela voltava para casa sem comida, o que era amenizado com a bondade e a empatia dos vizinhos que dividiam o pouco que tinham conosco.

Os vizinhos davam um prato de comida para ela e seus netos. Ela, então, dividia entre os dois netos. Nós perguntávamos se ela não queria comer. Ela respondia: “eu estou com bucho cheio criança, come vocês, para vocês dormir com bucho de vocês cheio”. Contudo, ela não tinha comido nada durante o dia. Em muitos momentos, isso era desesperador.

A história relatada é comum entre as trabalhadoras rurais maranhenses. Quebrar coco é a principal atividade para 60% das mulheres economicamente ativas em áreas rurais do Maranhão (IBGE, 2010), constituindo a principal fonte de renda de, aproximadamente, 300 mil famílias em todo o Estado. Uma prática laboral que envolve dores, renúncias e resistência para sustentar famílias e garantir aos filhos o acesso ao saber escolar. Direito que muitas quebradeiras não tiveram na juventude porque deveriam se dedicar ao trabalho ou porque a instituição escolar não havia chegado nessas áreas consideradas rurais (Oliveira, 2022, p.26).

Segundo Oliveira (2022), as principais fontes de renda das mulheres do Maranhão, são as atividades braçais nas roças, junto com a quebra de coco babaçu,

que contribuem para seu sustento e dos seus familiares. A história da Dona Maria condiz com a realidade de várias Marias maranhenses, que vivem em situações de vulnerabilidade, em uma luta contínua para sua sobrevivência, em meio a um cenário de desigualdade, reflexo da ausência políticas públicas para essas mulheres.

Assim, Dona Maria ensinava seus netos a enganar a fome com caroço de coco babaçu. Ela dizia:

“criança mastiga o caroço de coco bem mastigado, engole, assim dá para enganar a fome. Só não come muito, se não vocês dão agonia, porque só tem uma caneca de arroz e vou deixar para aferventar à noite para vocês comer, porque à noite é muito grande para dormir sem botar nenhum caroço de arroz no estômago”.

Em outros dias, ela fazia a mesma coisa quando estava no “tempo” de manga, jatobá, tuturuba. Ela incentivava os netos a comerem como sua primeira refeição, em algumas vezes era a segunda também. Dona Maria, em um dia comum de trabalho na roça, cortando “coivara” na roça, um pedaço de pau roliço acertou seu olho e ela ficou vários dias doente. Com o passar do tempo, ela perdeu a visão do olho atingido. Ainda assim, Dona Maria não perdia a esperança em dias melhores. Ela andava sempre sorrindo, tinha gargalhada alta, andava sempre de bem com a vida, sempre disposta a ajudar o próximo, ela escolheu ser feliz.

Dona Maria continuou trabalhando de roça e quebrando coco. Os moradores da comunidade chamavam ela para trabalhar na diária na roça. Isso acontecia na fase da preparação da terra e até mesmo na colheita do arroz. Junto com os homens, ela “enfrentava de igual para igual” com eles. Ela era uma mulher admirada por todos que a conheciam.

Ela também fazia troca de quebra de coco babaçu, pela qual ela passava semanas juntando coco “no mato”. Depois, ela carregava todos os cocos para casa na cabeça e fazia uma “ruma de coco” ou um monte. Ela chamava outras mulheres da comunidade para quebrar coco para ela. Isso era conhecido, entre elas, como “troca”. Uma semana, as mulheres iam quebrar coco para ela. Na outra semana, era escolhido uma outra mulher que estava nesse mesmo grupo para ir para casa dela quebrar coco para ela. Elas iam revezando e trocando. Assim, elas conseguiam quebrar uma quantidade de coco maior, para poderem comprar comida e sustentar os filhos/as.

Dona Maria tinha um amor pela educação e ao mesmo tempo, carregava uma tristeza no coração por não ter tido a permissão dos pais para estudar. O pai dela era contra mulher frequentar a escola. Mesmo sem a permissão do pai, ela frequentava a escola que funcionava em uma casa construída e coberta com a palha de coco babaçu. Ela relatava que nesse tempo o Mobral estava em vigor.

Dona Maria contava que fugia para ir para a escola. Todas as vezes que ela ia para a escola, o pai batia nela com arreo de couro de boi. Ela relatava que ficava com as costas sangrando de tanto apanhar, e que não conseguia nem deitar na rede de tanta dor. Contudo, relatava que só esperava sarar as costas dela e voltava a frequentar de novo a escola, mas nunca desistiu de aprender.

Ao menos colocar o nome, ela conseguiu. Conhecia o alfabeto, só não conseguiu aprender a ler. Era o seu sonho dela. Quando teve essa oportunidade, ela teve um problema nas mãos e não conseguia segurar o lápis para escrever. Ela tentou sozinha, em casa, com a ajuda da neta, mas infelizmente não teve como aprender por causa da doença avançada. Passou a não assinar mais os documentos e a colocar o dedo no lugar das assinaturas. Ela sentia muita vergonha de colocar o dedo para assinatura. Dona Maria relatava que ficava muito triste quando via alguém lendo, e ela não sabia ler.

Dona Maria sempre priorizou a educação na vida dos filhos e neto. Porém, os filhos não quiseram da continuidade aos estudos. Dos netos, somente está neta conseguiu entrar no curso superior. Dona Maria ficou muito feliz quando sua neta entrou no curso superior. Ela ainda estava viva e contava para todas as pessoas que ela conhecia, que ela tinha uma neta que estava na Universidade, e que estava estudando para se tornar uma professora. Ela expressava um sentimento de orgulho, de ter criado esta neta, e parecia que ela estava se realizando vendo a neta na Universidade. Parecia que a neta estava concretizando o sonho dela.

Dona Maria<sup>4</sup> falava que “o pior cego não é aquele que não consegue ver, mas aquele que não consegue destrinchar o que está na sua frente”. Ela falava que não

---

<sup>4</sup> A experiência pessoal de **Dona Maria**, minha avó materna, exemplifica a força dessas tradições. Desde os nove meses de idade, fui criada por ela e aprendi a superar dificuldades, inclusive a fome, utilizando o caroço de coco babaçu. Fui a neta que buscou ajudá-la a realizar seu sonho de aprender a ler e escrever e, por meio desse legado, consegui ingressar em uma universidade federal. Os ensinamentos que recebi ao longo da vida, seja trabalhando na roça ou quebrando coco babaçu, moldaram minha identidade e alimentaram minha aspiração por educação e um futuro melhor. Dona

tinha inveja de nada e de ninguém, mas, sentia uma certa inveja de quem sabia ler e escrever.

Ela sabia a importância da educação na vida das pessoas. Era apaixonada por leitura. Pedía para sua neta ler para ela, e ela conseguia compreender tudo. Quando a sua neta estava fazendo a leitura para ela, podia sentir a satisfação nos olhos dela. Seus olhos brilhavam e ela fazia várias perguntas. Sobre o que tinha ouvido, ela conseguia fazer uma interpretação de tudo com muita facilidade.

Dona Maria dava vários conselhos para os netos, ela falava que “a única coisa que ninguém toma de vocês é o que vocês aprendem no colégio”.

**Coco  
em florada  
esperança  
alimentada**

**Coco  
nascido  
sonho  
parido**

**Coco  
no cacho  
olhar  
embaixo**

**Coco  
no chão  
certeza do  
pão**

---

Maria plantou em mim a esperança de transformação, uma virada em ciclos de fome e sofrimento vividos por nossos ancestrais.

**Coco**  
**quebrado**  
**bucho**  
**calado**

**Coco**  
**Torrado**  
**de cumer**  
**temperado**

**(Lília Diniz, 2017, p. 16)**

## 6. DA PALMEIRA AO FRUTO: COCO BABAÇU E OS SABERES ANCESTRAIS DAS QUEBRADEIRAS

A sobrevivência da floresta depende da reprodução contínua das plantas, a floresta tem seus próprios aliados porque, os seres vivos que abitam, os animais, são responsáveis por espalhar as sementes. Os animais se alimentam das flores e frutos das árvores, eles carregam as sementes para se alimentar, e acabam fazendo um maravilhoso trabalho para a natureza.

Para permanecer viva, a floresta necessita que as plantas estejam sempre se reproduzindo. Para isso, elas espalham as sementes presentes nos frutos pela floresta. Algumas plantas aproveitam o vento, a água ou até espocam para que suas sementes sejam espalhadas. Outras se tornam atrativas para os animais que comem suas frutas e acabam levando as sementes a grandes distâncias. Alguns animais depositam as sementes no solo por meio do cocô ou as deixam cair enquanto comem. Outros, como a cutia, guardam frutas e sementes e esquecem onde as guardaram (Araújo et al., 2024, p.12).

Os babaçuais são palmeiras da família das Arecáceas (Arecaceae), que pertencem à ordem das plantas monocotiledôneas com flor.

Elas são encontradas na maioria das vezes no cerrado brasileiro. Os frutos da palmeira são fonte de rendas para as Quebradeiras de coco, para o sustento das suas famílias. Os fazendeiros estão transformando os babaçuais em quintais para a criação do gado. A luta contra o desmatamento das palmeiras, por parte das associações das Quebradeiras de coco babaçu, se refere à preservação da planta e aos direitos das Quebradeiras em acessar e coletar os cocos em qualquer território, em que áreas com grande incidência da espécie, que atinge parte dos Estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Ceará, englobando os biomas cerrado Amazônia e caatinga.

Assim, no Quadro 1, podemos observar as partes que compõem uma palmeira de coco babaçu:

Quadro 1 – Partes da Palmeira de coco babaçu

Partes	Comentário	Imagem
Cacho do Coco	Nascem na fase de floração.	

		
<b>Frutos</b>	Coco babaçu	
<b>Caroços (Amêndoa) crus</b>	Pelo processo de trituração com água é extraído o leite; pela torragem é extraído o azeite. A borra, o bagaço e o caroço da amêndoa torrada são utilizados para alimentar animais.	
<b>Xereba (a massa do coco babaçu)</b>	É utilizada para fazer mingau. As Quebradeiras utilizam o próprio leite obtido do caroço ou a amêndoa do coco babaçu.	
<b>Casca do babaçu</b>	É utilizado para fazer carvão. Serve como inseticida natural. As quebradeiras pegam uma lata de leite ou Mucilon, fazem vários furos na lata, colocam uma alça nessa lata, um arame liso e depois acendem o fogo dentro dessa lata. Elas colocam as cascas dentro para queimar. Quando estiver saindo a fumaça, elas colocam onde gostariam de espantar os mosquitos. As Quebradeiras usam muito esse tipo de inseticida natural quando elas estão no mato quebrando coco, principalmente no inverno, tempo das mutucas, um tipo de inseto que se alimenta de sangue humano.	
<b>Peias do coco babaçu</b>	São utilizadas para acender o fogo em Caieiras e fogareiro	

		
<b>Olho de Palha</b>	É utilizado para fazer cofos, esteiras, abanos, paneiros, servindo para cobrir e tampar casas.	
<b>Palhas Verdes</b>	Servem para cobrir casas. Já para tapar as paredes, só serve quando está na fase da pindobeira ou na fase da capoeira ou capote.	
<b>Capemba</b>	É utilizada como tábua para lavar roupa em açudes e igarapés pelas Quebradeiras de coco. Ela protege o cacho do coco quando ele está na fase de floração até o amadurecimento. É utilizado pela palmeira como reservatório de água natural para os animais que vivem nos babaçuais. As Quebradeiras usam como vasilha para prepararem os alimentos que elas levam para o mato, quando elas vão quebrar coco.	
<b>Estrume</b>	A Palmeira quando está na fase de adubação: é extraído o estrume que é utilizado para adubação natural das plantas.	

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

O coco é uma fruta extraída da palmeira do babaçu. O fruto se forma em cachos. Cada cacho tem, por volta, de cem cocos. Quando o cacho, é grande, é aproveitado todos os caroços, ou seja, as amêndoas. As Quebradeiras, fazem leite para colocar em alguns tipos de comida, extraem o azeite do caroço do coco (amêndoas), das cascas, fazem carvão. O “entre casca” (a massa de mesocarpo) elas usam para fazer mingau. O leite extraído também é usado para fazer o mingau e as “peias” do coco são usadas para acender fogo no fogareiro, ou acender as “caieiras”.

As palmeiras do coco babaçu nascem sozinhas e não precisam de ajuda do homem para se desenvolver na natureza. A planta se desenvolve por conta da própria natureza. Quando estão maduros, os frutos se soltam e caem dos cachos e se amontoam debaixo das palmeiras, no chão.

Para exemplificar o ciclo de vida de uma palmeira, organizamos o Quadro 2, que contém os saberes das Quebradeiras de coco:

Quadro 2 – Ciclo de vida da palmeira de coco babaçu

Fase	Comentário	Imagem
<b>Geminação</b>	É o primeiro processo da planta, quando ela solta sua primeira palha.	
<b>Pindobeira</b>	É a fase da planta que está no ponto certo para extração do palmito, da coleta de palhas, e quando está no ponto certo para tirar o olho da palha.	
<b>Capoteira ou capote</b>	Quando a planta já está começando a entrar na fase adulta e a botar ou (soltar) os primeiros cachos.	

		
<p><b>Palmeira</b></p>	<p>A planta está na fase adulta. Ela começa a botar ou soltar vários cachos ao mesmo tempo. A produção da palmeira só aumenta, com o tempo. O caule da planta também cresce bastante, algumas não crescem muito e ficam baixas, principalmente quando estão morros. É difícil de acontecer, pois a tendência da planta é que ela cresça.</p>	

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Nessa fase, se as Quebradeiras não pegam os frutos caídos, eles entram em processo de germinação. Onde fica o caroço (amêndoa), nasce uma nova palmeira, que vai crescendo e brotando as primeiras palhas. Essa fase é conhecida como pindobeira, ela dura cerca de cinco anos.

Nessa fase, é possível colher o palmito, as palhas para cobrir casas, tampar paredes das casas. A pindobeira também dá um tipo de palha diferente que é chamado de “olho de palha”. Ele tem a cor amarela e só nasce uma palha dessa por pindobeira. Essa palha é usada pelas Quebradeiras da seguinte forma: na confecção de abanos, esteira, cofos, paneiros, elas também tampam as paredes.

Durante a minha infância, lembro que os “olhos de palha” eram usados para cobrir nossa casa e tampar as paredes. Por terem casas construídas dessa forma, o chefe da família era considerado um homem trabalhador e cuidadoso com sua família. Era bem-visto pela comunidade, porque é muito trabalhoso tirar uma quantidade dessas de “olho de palha”.

Nessa fase, as palhas já estão ficando duras, e a planta está chegando na fase adulta, chamada de Palmeira, momento quando ela está soltando vários cachos de uma só vez. A palmeira vai envelhecendo e vai perdendo a sustentabilidade do solo. As consequências disso é queda da palmeira. Esse acontecimento é natural e faz parte da natureza. Alguns anos mais tarde, no final do seu ciclo de vida, a palmeira entra no estágio de adubação natural. Todas as fibras que sustentavam a palmeira

em pé, se transforma em estrume, um tipo de adubo natural da planta que as Quebradeiras usam para fazer adubação natural das hortaliças, como cebola, coentro, pimenta, tomate. Em todos os tipos de plantação, o estrume é uma adubação natural e substitui qualquer esterco ou terra preta, ou qualquer tipo de adubo industrializado. As Quebradeiras usam o estrume para o plantio de suas hortaliças.

#### **EU VIM DE LONGE:**

**Eu vim de longe, pra encontrar o meu caminho,  
Tinha um sorriso e o sorriso ainda valia.  
Achei difícil a viagem até aqui,  
Mas eu cheguei, mas eu cheguei.**

**Eu vim depressa, eu não vim de caminhão,  
Eu vim a jato, neste asfalto, neste chão.  
Achei difícil a viagem até aqui,  
Mas eu cheguei, mas eu cheguei.**

**Eu vim por causa daquilo que não se vê,  
Vim nu, descalço, sem dinheiro na pior.  
Achei difícil a viagem até aqui,  
Mas eu cheguei, mas eu cheguei.**

**Eu tive ajuda de quem você não acredita,  
tive esperança de chegar até aqui.  
Achei difícil a viagem até aqui,  
Mas eu cheguei, mas eu cheguei.**

**(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 23)**

## 7. POR UM FUTURO ANCESTRAL PARAS AS QUEBRADEIRAS DE COCO

Podemos perceber que, embora as histórias das Quebradeiras de coco se repitam, elas nunca são exatamente iguais. Cada mulher, carregadora dessa tradição traz consigo suas marcas, muita resistência e persistência, sempre em busca de um futuro melhor. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que nunca devemos desistir de nossos sonhos, mesmo quando as circunstâncias parecem mostrar o contrário. É necessário lutar, mesmo diante de cenários desafiadores, pois a conquista é possível.

As narrativas das mulheres Quebradeiras de coco reflete a importância de preservarem seus saberes ancestrais, mantendo vivas suas memórias e tradições. Aquilo que foi negativo no passado pode ser deixado de lado, e, para que essas mulheres possam vislumbrar um futuro melhor, a educação surge como a principal via para garantir uma melhor qualidade de vida, tanto para elas quanto para suas famílias e comunidades.

Quando essas mulheres tiverem acesso à educação, poderão buscar melhores condições socioeconômicas e lutar por seus direitos, visando a estabilidade familiar e comunitária. Dessa forma, as condições de vida das Quebradeiras de coco certamente se transformarão. Se a educação chegar de forma igualitária e inclusiva a seus lares e às suas famílias, a esperança de um futuro próspero se tornará mais concreta e próxima da realidade.

Os objetivos desta pesquisa foram satisfatórios, pois foi possível contextualizar e narrar a realidade das Quebradeiras de coco, uma realidade que a sociedade muitas vezes ignora, acreditando estar distante dos lares dessas mulheres. Trata-se de uma profissão desvalorizada e sofrida. Procuramos chamar a atenção das/os leitoras/es para o fato de que não há nada a ser romantizado.

Essas mulheres já nascem como Quebradeiras de coco, carregando nas costas o preconceito enraizado na sociedade em relação à profissão. Não se questiona se elas desejam ou não exercer essa atividade; da mesma forma que os saberes são compartilhados de geração em geração, as profissões também são. As meninas, ao nascerem, já estão destinadas a se tornarem Quebradeiras de coco babaçu.

Dessa forma o objetivo geral, desta pesquisa foi alcançado, ao investigar o impacto do uso do caroço do coco babaçu, na segurança alimentar de famílias rurais,

por meio da análise das práticas tradicionais de utilização do coco babaçu no enfrentamento da fome. É preciso, pois, entender o papel das Quebradeiras de coco na preservação dessas práticas e na transmissão de saberes intergeracionais, além de propor alternativas para integrar essas práticas aos debates contemporâneos sobre sustentabilidade e segurança alimentar.

Portanto, a recomendação que faço às/aos leitoras/es é que guardem em suas memórias as situações pelas quais sobreviveram, para que possam se lembrar de onde vieram e para onde desejam ir. Devemos refletir sobre o que precisa ser repetido e o que deve ser evitado, para que o passado sombrio não influencie o presente iluminado.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALHEIT, Peter. DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28004>. Acesso em: 4 set. 2022.

BANDEIRA, Francisco de Assis. **Pedagogia Etnomatemática: reflexões e ações pedagógicas em matemática do ensino fundamental**. Natal, RN: EDUFRN, 2016.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias. Direito, Literatura, Vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CANTO E ENCANTO NOS BABÇUAIS. As Encantadeiras: Quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam. As Encantadeiras (Orgs). Apoio: AMTR, MIQCB, ASSEMA, NCADRUFPA. 2014.

DINIZ, Lília. Miolo de Pote da Cacimba de Beber. 5. Ed. Imperatriz: Edições Lamparina, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MORAIS, J. de S. Epistemologia complexa e as compreensões narrativas do vivido na pesquisa (auto)biográfica. *Revista Diálogo Educacional*, v. 23, n. 78, p. 1133-1147, 2023. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.078.DS11>

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Índícios de reflexividade (auto)biográfica em experiências narrativas de pesquisaformação com professores/as pesquisadores/as. In.: MORAIS, Joelson de Sousa; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Francisco Antonio Machado (Orgs.). **Escritas de si e desenvolvimento profissional docente: ensaios (auto)biográficos de professores/narradores**. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2021.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75612, 2021. DOSSIÊ - A dimensão biográfica como processo de formação e de compreensão de si e do mundo. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75612/43500>. Acesso em: 07.jul . 2024.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Colaboração de Juan Miguel Batalloso Navas. Campinas, SP: Papirus, 2015.

OLIVEIRA, Kelly Almeida de. **A docência entre o "cofo", o "cacete" e o "machado": cosmoperceber saberes com Quebradeiras de coco em processos de ensino e aprendizagens**. 2022 225f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Rede Amazônica de educação em Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Cuiabá, 2022.

SILVA, Ana Cláudia Batista. **Etnomatemática na Educação Infantil: Percepções de professoras do CEI Monteiro Lobato em Timbiras/MA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2023.

XAVIER, Márcio Pizzete. **Reflexão sobre Etnomatemática como possibilidade pedagógica**. 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/etnomatematica-pedagogica#> . Acesso em 09 de fevereiro de 2023.